

## VIAJANTES

A íris verde e a pupila negra soluçando da direita para a esquerda, fotografando, arrepanhando gulosamente tudo o que conseguia do mundo dos objetos; frenética, como um martelo pneumático. Revestimento belo do impensavelmente complexo, navegando em circunferência de um lado para o outro, recomeçando os trajetos sempre com os mesmos movimentos bruscos, munidos de uma ginástica animal, a uma velocidade que ele nunca sequer imaginaria que o seu corpo fosse capaz de produzir. Não sentia nada. Estava ausente. Os olhos que não lhe capturavam a atenção: nem na parca sensação do próprio movimento, ao deslizarem naquele martelar inconsciente dentro da impassível órbita ocular, nem na informação elétrica que lhe era transmitida, desde o foco dilatado até ao mapeamento corporal dessa mesma informação em ação. Era este ultimo, que exercia letárgicamente o mandamento da sua presente mas adormecida atenção, que servia de proxy entre o córtex visual e as possíveis metas do corpo desabitado: carros estrada muros graffiti homens mulheres cão andorinhas prédios janelas corrimões portões postes tijolo argamassa betão arbustos calçada branca azul dourada preto verde vivo morto horizontal vertical redondo retangular forma ausência belo feio que lhe passava defronte do semblante carregado e pálido a uma velocidade cruzeiro de 55 km/hora do outro lado da grossa folha de vidro manchada pelas chuvas, que o mantinha estabilizado e dócil como a um peixe dentro do aquário, na sua preferência pessoal, sentado e recostado, jazido, na mente que adormece antes de despertar.

Todo o movimento cessara quando as pálpebras, fatigadas, optando por descer, rasgaram o ar com um alisar de pestanas finas e negras, para lá se manterem por breves instantes, desencadeando uma espécie de grito ocular, uma libertação acídica que o fez gemer em surdina, dando a impressão que pele músculos gordura se contraíam sobre as suas maçãs do rosto. Um vago eco espectral da ultima imagem que vira: uma perpendicular acinzentada na qual ambas as casa de esquina apresentavam sinais de degradação, de esquecimento acumulado pelo passar dos anos, o reboco fissurado em variadíssimos pontos sob a pouca tinta descascada que ainda restava, cor de ferrugem, aquosa e enjoada; as extensas fachadas e os seus respetivos muros baixos grafitados de ponta a ponta, estruturas que pareciam servir apenas para conter o avanço da vegetação caótica. Três pombos numa das janelas vazias do primeiro andar, na ultima das casas no sentido direcional daquele observador, o único elemento diferenciador para o espetador desinteressado. Passado poucos segundos, o rumor visual extinguiu-se por completo, e o ardor acamara de igual forma, subsidira.

A luz entrando de novo em contacto com a retina, carregada desta feita de intenção, e ele, sentindo imediatamente os olhos de alguém sobre si: longos cabelos se dispunham entre ambos, entre faces, entre percepções, um código de barras pertencente a algo que nunca seria comprado nem por nada nem por ninguém, nem por posses ou emoções, dogmas ou sorrisos. Um parecer de ambos, mudo, diametralmente oposto, cada um com as suas capacidades mentais mais ou menos despertas sob o roncar opressivo das rodas nos carris, naquela manhã clara, invernial. Ele, voltado de costas para a torrente de informação que vinha do exterior da carruagem, com a lapela do casaco acariciando-lhe pescoço, cabelo áspero orelhas, afundado, tratando toda aquela ventania sensorial como alguém que se tenta proteger de uma tempestade, refuginando-se em si próprio e naquilo a que pode chamar de seu. Ela, acomodada perante a direção oposta à dele, leve, acolhedora no seu juízo, não de braços abertos mas de palmas voltadas para o cimo, não de punhos cerrados mas gentilmente firmados à volta de algo que não seria visível para todos os que a mirassem, apenas para alguns, retinha e segurava-o de modo a que não escapasse, que pudesse ao mesmo tempo respirar, fluir à sua volta.

Sentado à dianteira da fila de assentos, num dos dois lugares siameses que para sempre permaneceriam virados para a retaguarda da carruagem, ele sentia com as pontas dos dedos a curvatura imperfeita das rótulas debaixo das calças de sarja azuladas, e conseguia desta forma, durante longos períodos de tempo, não se interrogar sobre nada. Era assim que usualmente deixava que o levassem até perto do local onde permaneceria as próximas dez horas, com as pausas adequadas, em frente a um ecrã que saltitava impercetivelmente dentro da escura mochila de transporte que repousava no assento contíguo, e trabalharia para homens que amavam dinheiro mas que há algum tempo já que haviam deixado de amar tudo aquilo para que este poderia vir a servir.

Mas antes disso caminharia. Caminharia sobre calçada branca irregular e alcatrão negro. Sobre minúsculos tufos de erva pontiaguda brotando por através das finas nesgas de pedra quadrada, olhando para ele, apontando, sem quaisquer hipótese de se desviarem. Os pés carregariam com todo o peso de uma vida impulsionada naquele instante por uma dopamina que, lançada como manifestação de dever existencial, percorreria os diferentes elementos das suas conjunturas sinápticas de uma forma a modos que contrariada, resultando no ato cumular de uma viagem rotineira que ditava o começo declarado do esvaziamento individual diário: estenderia o braço, alcançando o puxador de cobre com cerca de um metro de comprimento, e atravessaria o amplo átrio circular pavimentado por reluzentes azulejos de mármore, que refletiam o azul dos céus jorrando do distante firmamento através da abobada de vidro sobranceira, esbatendo-se e misturando-se em aura opaca com as sombras esmorecidas projetadas pelos pilares que o circundavam; encontraria e chamaria um dos elevadores que pela parede dentro se moveriam. Veria, nem que fosse de relance, o seu reflexo entrando para a plataforma, e, sustendo e desviando o olhar para a sua esquerda, procuraria o numero oito, vermelho incandescente, espalmado ao centro do botão também ele orlado pelo mesmo vermelho, sobressaindo á luz pálida do

elevador. No mesmo movimento que o pressionaria, voltaria também as costas à sua imagem invertida.

Deixaria algo - onde? Não o saberia exatamente. Algo que cada vez mais teimava em não querer subir consigo. Não tendo forma definida o suficiente para conseguir permanecer expectante nalgum ponto físico no espaço, desvaneceria, fugazmente, relegando-se à espera imposta pelo vácuo temporal que resulta dum esquecimento que surge como que apontando para o patológico. Mas voltaria a reaparecer, horas depois. De forma intacta? ou não? Difícil de apurar...

Esta manha iria ocorrer desta maneira. Uma réplica de muitas manhas que haviam sido e de muitas que viriam ainda a ser. Réplicas de um abalo inicial há muito esquecido – não a memória do acontecimento em si – mas os seus pormenores, significados e ligações mais ínfimos. Lançados para e diluídos num oceano translucido e imóvel que tudo assimila a um ritmo vertiginoso, sem quaisquer perturbações aparentes à superfície. Réplicas sim, mas cada uma com a sua intensidade e magnitude próprias. Afinal de contas, todas as manhas eram manhãs únicas em tudo o que o rodeava, até mesmo nele, dentro dele, onde tudo era armazenado até ao mais pequeno detalhe numa compilação incrivelmente abrangente, que era comum a toda a raça humana. Uma simbiose de uma dimensão singular, sem fundo e sem extremidade. Em muito incalculável para os seus interlocutores. Talvez apenas apropriada nalguma forma em pensamento escorregadio e abstrato. Mas naquele momento ele sentia a flanela da camisa por baixo do seu blusão redobrar-lhe o efeito calorífero da sua corrente sanguínea e não se interrogava acerca de nada.

Sentia o peito expandir até meio ao inspirar a atmosfera carregada de luz e o abdómen distender ligeiramente ao expirar. Sentia o crânio pulsar sob a pele, como se tal lhe fosse possível. O suave fluxo de ar que descendia da grelha metálica aparafusada à saliência de plástico diretamente acima de si, na lateral da carruagem, indo de encontro aos seus pensamentos, empurrando-os gentilmente até vários pontos no seu corpo, derretendo-os em sensações físicas. Ia emergindo do torpor mental, algo que não costumava acontecer aquelas horas da manha. A presença da mulher que parecia proteger algo sem hostilidade veio a arrancar de si uma espécie de imagem – talvez - uma fantasia que murmurava como uma conversa distante, vinda das profundezas, informando-o da forma de como ela lhe perscrutava o rosto, tentando descobrir o que seria exatamente, que traço; curva; que ângulo seria que lhe transmitia tanta tristeza. Não teve este pensamento, nem teve sequer o travo amargo de uma questão que vem bater à porta sem ser convidada. Apenas o soube. Sentiu-se exasperado. Inclinou de seguida a cabeça na direção da janela silenciosa à sua esquerda e viu o seu olhar deslizar até lá fora uma vez mais, a tempo de observar o sol irromper por detrás das nuvens gordas.

As janelas sujas, o plástico creme que constituía todo o revestimento interior do longo tubo de passageiros, os estofos desbotados e pardacentos dos assentos, varas de metal dispostas na horizontal, na vertical, dando a mão a mãos cobertas de pele,

embicadas por unhas que apontavam, sons que rasgavam, vozes, sorrisos, gritos estridentes ou abafados, no exterior de bocas, lançados ao encontro de caras, penetrando ouvidos e até por vezes corações (mas talvez não naquela manhã), bombeando sangue, palpitando sob peitos que algodão seda ganga flanela lã vestem casacos blusões sobretudos, carregando com sacos mochilas sacolas pastas com pedaços de vidas, de passados, com futuros, que ao sol, agora, inundados pelo seu sopro radial brilhavam, unidos numa espessa camada de ouro, na incandescência austera do frio invernal. Talvez por coincidência; ou talvez por engenharia, intenção e prática - talvez por tudo isso -, o ar tornara-se melancólico para os dois, como uma silhueta movendo-se lentamente por detrás de uma tela iluminada, no mais profundo dos silêncios. Consequência de passados e heranças genéticas distintas, o momento terá sido encarado por ambos de maneiras bem diferentes...

Um pé, depois outro pé, e um saltinho, e a sola do pé prendendo a bola gasta e suja, tocando ao de leve nas cores de pele de zebra, com as suas feridas cinzentas e retalhos pendurados que se desenraizavam bocadinho a bocadinho mais, a cada remate disferido pelo pé que com um pequenino baque, ali, na memória, soltava a bola na direção do amigo . E o garoto ziguezagueava e contornava pernas pés por cima desta, devolvendo-a novamente com o calcanhar para o outro, que troteava e sprintava avançando apenas um metro, e ambos pisavam cimento e pontapeavam areia e calcavam terra sob relva e soltavam gritos e gorjeios, riam genuinamente com uma facilidade assustadora, pedindo sempre um ao outro a bola que por vezes demorava demais a chegar, que rolava incessantemente, habituada aos solavancos, sem ideia do caminho que iria tomar quando algum daqueles pés lhe tocasse. Caras jovens maleáveis, constantemente esperando pela próxima gargalhada e pelo próximo momento em que se lhes seriam reavivadas as certezas de que preocupações reais eram coisas de graúdos, caras exibindo o brilho e a genialidade das convicções da inocência, de miúdos que aprenderam a tratar a bola e a diversão como dois irmãos mais novos apenas uma mão cheia de anos após terem deixado o ventre da mesma mãe.

Sentado no lugar, o peito carregava-se-lhe com as lágrimas que deveriam ter saído pelos olhos fixos do cão, mas que acabariam em vez disso por sair pelos seus, e nisto ecoava-lhe o “pshiu, cala-te” que o havia feito calar-se, quando o irmão ouvira o arfar palpitante vindo da sombra que dormia tranquila no chão, projetada para longe do poço de tijolo que se situava a poucos metros de um enorme carvalho envelhecido, na propriedade de alguém que seguramente conheciam de vista. Esta era contornada obliquamente por uma estrada de terra batida, as valas de ambos os lados invisíveis, abundando de folhas outonais de cores macias, sob as árvores meio despidas. Um pequeno barracão com telhado de chapa de zinco do lado contrário da estrada. Seguiram na direção do som. A bola havia deixado de resvalar no que quer que fosse, seguindo apenas o seu próprio caminho, placidamente, precedendo as passadas hesitantes, parando a três metros do animal que nem uma só vez para eles haveria de

olhar. E se a mãe os pudesse ter visto, teria ficado orgulhosa com os seus silêncios e com os seus olhares comedidos, e ter-lhes-ia afagado o cabelo e acercado-os mais para junto de si, sem lhes tapar a visão, para que pudessem mais plenamente compreender que existem formas de sofrimento no mundo que nada tinham a ver com a posse de uma consciência, ela que já os considerava uns homenzinhos e que havia desde cedo adotado a prática do amor incondicional, alternando conforto com confronto.

Mas ela não estava lá e nenhum dos dois pensara nela naqueles breves segundos em que ouviam os murmúrios uivantes do cão, em que sentiam na espinha e na nuca as suas patas quebradas, estremecendo em intervalos pulsantes, o osso espreitando por uma delas, irrompendo através da mescla de carne e de pelo que cercava a sua alvura suja, vibrando como se se tratasse de um ser distinto, apontando para a barriga untada de sangue de lés a lés. Não havia nada em voz alta para dizer, e ultrapassado o carácter de repugnância inicial, pouco mais havia para pensar. O silêncio agindo como catalisador para os seus primeiros gostos de uma resignação muito vivida, muito adulta.

A respiração abrandava e os ombros relaxam e descaem, e as pálpebras não cerram com a mesma convicção, - a diminuição de pressão fazendo no seu caso com que tímidas lágrimas que teimavam em não querer cair aparecessem. Não se move mas interroga-se por fim, energicamente, “porque é que os cães não choram como nós, com lágrimas”, e gesticula com as mãos sem saber porquê e o irmão olha para ele e há um que diz “anda, vamos embora”, já não se lembra qual.

O ser humano é tão capaz de se resignar na presença de um cão moribundo como com a representação que o seu eu - constatada e compreendida na plenitude aparente das suas capacidades – consegue desempenhar para ele próprio, e nada nem ninguém a não ser ele mesmo lhe pode fazer crer que ambas serão diferentes, no seu mais puro abraço percecional. Mas não obstante do passado o ter apanhado de surpresa, como já não o fazia à meses ou até mesmo anos, ele constataria que o efeito produzido se havia imposto poderosamente sobre as suas faculdades ainda imersas no torvelinho da manhã. E como julgar a veracidade ou o propósito deste, sob tais condições? Teria sido tarefa suficientemente complicada para o espírito composto e tranquilo, quando abalroado daquela forma pela nostalgia lenitiva do passado, mas para ele, faminto como andava por respostas imponentes que abrangessem a realidade de forma conclusiva, nada poderia ter sido feito para que a ideia fosse adequadamente estudada antes de causar o devido impacto. Havia-se apercebido da força que residia por detrás dum conceito aparentemente simples, e compreendera o quanto o havia menosprezado no passado: a aceitação, desta feita consciente de si mesma, lacónica e informada do estado atual das coisas, desprovida de julgamentos, assente numa espécie de determinismo científico. Funcionando esta apenas sobre um critério rigoroso de sinceridade, critério que ele prontamente procurara testar no lugar em que

se sentava: alinhando lado a lado os elementos que subentendia como importantes - os mais importantes na sua vida – analisara, o melhor que pode, aquilo que parecia estar a ocorrer, a possível negatividade de tais elementos e o que sentiria se os revestisse com essa patina uniforme tão facilmente esquecida. A relação estável de quatro anos com a namorada; o trabalho estagnado, também este estável e seguro, que dava mostras de haver perdido todo e qualquer interesse que pudesse alguma vez ter tido; a relação à escala internacional que conseguia mais ou menos ir mantendo com o irmão, indubitavelmente afetada com o passar dos anos e com a distância; e finalmente a ideia que mantinha da sua própria personalidade, estoica em certos dias, profundamente apática noutros. Via-se a ele mesmo como um produto dos tempos, um cliché andante, e isso enchia-o de um pavor repulsivo e barato, pois este parecia chegar até si não enquanto força visceral mas sim como a lógica redundante do acontecimento que surge de maneira incontrollável, o próximo passo, formal e desumano. Começara por tentar perceber o que sentiria se aceitasse todas esses aspetos da sua vida de maneira profunda e inequívoca. Conseguiria fazê-lo com sucesso, com sinceridade pensava ele, caso se se deixasse levar pela duplicidade óbvia de conceitos como participante e espetador, ambos com as suas vertentes ativas e passivas, e os entrelaçasse numa ideia fatalista de Eu, ideia a que não seria de modo algum um estranho. “Tudo se manifesta como é e como deve ser, isso parece-me óbvio. Há um troço que é seguido, desde sempre. Se eu aceitar o desconforto como parte integral daquilo que deve ser e é por direito, então o que tenho eu a temer? Não é que esteja exatamente nas minhas mãos. Esta não é a perspetiva mais popular mas não deixa de ser a verdadeira. E para além do mais, não tenho de pedir nada ao que quer que seja pois não é isso que interessa, aliás, se eu vivo a vida num estado constante de exigência só me prejudico, e depois os dias passam num abrir e fechar de olhos, e não se valoriza o que se tem e muitas vezes não se repara em nada a não ser aquilo que não se possui, seja lá o que isso for. É com certeza por isso que me sinto tão adormecido. Aquele animal... O que é que eu estava à espera, mesmo sendo uma criança, o que é que eu esperava? Seria motivo para ter ficado como fiquei?” Mesmo sem achar um terreno firme debaixo dos pés que o completasse, que lhe falasse com a certeza de um facto incontestável, lá conseguira ele emergir para uma noção de realidade, da sua realidade, que parecia extinguir, pelo menos parcialmente, a densidade do panorama enevoado que via diante de si. Compreendera que a vida apenas é vinculada a quem a vive num estado de perfeita aceitação, e que tudo o resto não passaria da toxicidade resultante do desejo egoísta do corpo. Olhou para a mulher uma vez mais e sentiu-se satisfeito por ali estar. Sorriu. Pensava ele no seu reflexo quando as portas do elevador se abriam. Teria ele andado a evitar olhar-se de frente, como um animal temeroso? O que é que ele esperava, afinal de contas?

A mão estaca um, dois palmos acima do regaço da saia negra. Os dedos finos apontando em direção ao astro que com eles comunica à velocidade da luz. Pulso

girando pele macia em exuberância de cor quente, ora para a esquerda ora para a direita, as costas e a palma da mão alternadamente, em curva deliberadamente elíptica, a mão servindo de prisma, decompondo a luz solar em significados e pensamentos em frente aos seus olhos cor de amêndoa, mais vivos e mais cheios, o brilho amplificado com a mesma intensidade com que a sonolenta alvura matinal havia sido incinerada, momentos antes. “Na verdade, não é difícil de perceber que todas as pessoas estão unidas” pensa ela, “sempre”. No seu estado de espírito constante e seguro, não se revelava difícil chegar a este tipo de conclusão. Este havia sido interpolado bruscamente por um tipo de tristeza quente, melancólica, como que remontando ao carácter saudosista da memória viciada, lembrando-se com uma angustia agri-doce tempos passados que não voltariam mais, mas que se mantinham conservados, como pontos de luz na escuridão. Sem esforço. Para ver bastava-lhe olhar, constatar, para de seguida sentir, confiando no que os objetos que a rodeavam lhe diziam, só a ela, àquilo que ela era. Uma troca.

Na face dos outros reinava a pacífica tranquilidade projetada pela sua percepção, e apesar de ser ela a pintar aquele quadro, não deixava este de ser efetivo em satisfazer a necessidade que tinha de conexão. Observava a face pitoresca do homem, que se contraía com espectros do passado, a íris verde e a pupila negra fixas em qualquer objeto ao fim do seu percurso visual; mas o foco, dilatado em gravidade zero, operando como uma lente retraindo-se sobre si mesma, recusando o exterior, lutando por formar imagens na sala escura mas fértil da mente. O músculo do maxilar retesando-se sem pré aviso, o queixo perfilado e o nariz retilíneo apontando para baixo na mesma direção, imóveis por instantes, suscetíveis aos adornos parcializados do observador alheio, que transforma história e genética, cada momento, cada segundo, expectativa futura e fotograma passado seu numa abrangente paleta secundária de cores com as quais pode finalizar cada retrato, sendo que na maior parte dos casos até o pintor mais certo a elas se vê forçado a recorrer. Não se deveria confundir a predileção que esta mulher tinha para este tipo de estados oníricos com ingenuidade, ainda que certamente não se costumasse aperceber que os atravessava. Pergunte-se quem quer que seja, se reunidas tais características em frente dos seus sentidos, com uma naturalidade tão ociosa, pergunte-se se não dariam por si mesmos olhando para um quadro mais colorido do que aquele procuravam retratar, e se não reparavam que o terminavam sempre com as mãos sujas de tinta. Seria portanto de concluir que se tratava de uma característica algo óbvia da própria raça humana, e não apenas de algum dos seus membros em específico.

E eram de facto cores quentes aquelas que alumiam a face do homem, acalentadas pela união de todas as coisas sobre as quais ela flutuava confortavelmente, num otimismo que conseguia perdurar por longos períodos de tempo, já esquecido da oscilação repentina que se havia feito anunciar, momentos atrás. Timidamente, de mansinho, esta surgira sorratamente como um qualquer animal temeroso perscrutando o terreno, sabendo que este se encontrava habitado, procurando subsistência, não hesitando em apoderar-se do que não seria seu para assim poder prolongar a própria sobrevivência, talvez até mesmo tomar conta do espaço... Tímido

a princípio, ainda que com força suficiente para sobressaltar, para desconcertar, que seria? Que queria dizer a sensação que se apoderara repentinamente da sua alma, e que lá permaneceria até que se lhe fosse arrancado o pensamento que correria com a primeira dali para fora, o anticorpo protetor que viria em auxílio da mulher que pouca coisa temia e que ainda menos tinha a esconder, em especial dela própria.

Articulava pensamentos que procuravam descortinar o porquê do esforço que via refletido no semblante do homem, e porque é que isso o empoderava, porque é que o tornava convidativo. Conjurava associações como resultado daquilo que observava, e como consequência, escorregava para um outro tipo de complexidade, que remexia, que visava desenterrar lugares e sensações através dos remoinhos turvos do espaço temporal, à medida que se ia fechando os olhos parcialmente ao agora, continuando, no entanto, a ver na periferia do seu julgamento a postura dele a aliviar.

Ele sorria agora na sua direção. Um sorriso breve.

“Chegaremos à estação de...” anunciava a voz feminina, no mesmo tom robótico pré gravado que se fazia ouvir em todos os metros da cidade, nas várias linhas e estações por onde estes passavam, acima do solo e por debaixo da terra, várias vezes ao dia. Essa mesma voz, habitando e sendo expelida algures de cordas vocais que em conjunto reverberavam, em entoações por norma mais vivas e melodiosas, silenciosa naquele instante para os possíveis ouvintes de outrora, essa mesma voz, falando apenas a um único, aquele que sempre lhe havia dado rumo e contorno: “várias pessoas me ouvem neste momento anunciar os seus destinos”. Pegavam nos pertences e colocavam-se de pé, ou, se desta forma já se encontrassem, agarravam-se ligeiramente com mais força ao que quer que fosse que estivessem a agarrar, firmando coxas gémeos, para não se desequilibrarem ao sentirem o abrandamento soluçante. E alguns olhavam uma ultima vez para si mesmos no reflexo baço das janelas, alguns tentavam não olhar, outros iam sentindo a ansiedade disparar, a antecipação da próxima tarefa toldando caras que não olhavam para nada já a não ser aquilo que as esperava lá fora, e avançavam, deixando para trás o metro imobilizado por segundos, de boca aberta, esperando nova remessa que se ajuntava a passo pontilhado, de costas e peitos dessensibilizados pela proximidade com o objetivo, e que uma vez lá dentro, se procurariam acomodar, ramificar-se em direção aos espaços vazios. Novos viajantes, e lá seguia o metro, com o peso de ambos permanecendo no mesmo sitio.

O sorriso retribuído acenava, flutuante, como um cumprimento de mão. E desviavam-se as faces. “Lembra-me alguém...”

Em redor pouco se alterava, e aquilo que havia começado a ser puxado de algum espaço recôndito anunciava a sua chegada em fragmentos de imagens e em vozes recortadas pelas cores escuras da noite, texturas empedradas torrando na luz



alaranjada generosamente despendida pelos candeeiros, com as suas bases ocultas, enterradas nos passeios. Os cinco desciam a viela ladeada por moradias de aspeto rústico, coladas umas às outras de um ao outro extremo da rua, as suas passadas amolecidas carregando com os corpos pesados, embebidos de álcool, que exalavam ainda o cheiro salgado da maresia da tarde, que havia ficado para trás, intocável no seu canto, debaixo do sol desaparecido convertido em pano negro, que lançava dia após dia o seu ar fresco e algáceo sobre a povoação costeira, energizando quem ficava e quem ia passando. Batendo os calcanhares para um outro panorama, estes haviam passado. Mas voltariam, sim, quando a tal energia desse mostras de ter terminado ou quando a vontade de estarem acordados na companhia uns dos outros se houvesse esgotado, forçando-os a pensar em regressar, para se afundarem nos lençóis brancos ou na areia sinuosa, a uns poucos de quilómetros da pequena cidade onde se ouviam estalar cinco pares de sandálias, que ecoavam com estrépito ao longo de uma das várias ladeirazitas que desembocavam como afluentes na avenida que percorria lado a lado o rio, até à foz do Atlântico. Não havia espaço no meio das palavras para qualquer instante de silêncio, a conversa desenrolando-se sem parar, com os avanços e retiradas constantes dos diferentes elementos juntos no sentido da viagem, como ondas que rebentavam à beira-mar. Poucos eram os que os ouviam dentro das casas, com as suas fachadas obscurecidas e cerradas, já habituados aos sons da madrugada do pessoal que tinha por hábito não adormecer antes de começar a raiar o dia, - ainda que tendessem estes a ser diferentes de ano para ano.

Dois amigos de infância, três que se lhes haviam juntado pelo caminho; e para o grupo tal como era representado naquele momento, era de facto aquele o epílogo derradeiro da compreensão e ligação das amizades da juventude, que começara com a separação previamente anunciada, com o final do secundário, e que lhes traria mais para a frente, num curto espaço de tempo, o peso inevitável das escolhas e responsabilidades impostas pelo que os rodeava, começando estas a olhá-los com um carácter assustadoramente adulto, mostrando-lhes o que ter dezoito anos e terminar tal etapa significava, fossem eles participantes ativos em tais escolhas ou não. Ainda que pudessem ser mantidas, aquelas amizades nunca mais iriam significar o mesmo, para o melhor ou para o pior. Tudo existia num estado de movimento constante, em que apenas a intensidade da combustão parecia alternar.

A longa avenida que percorria a zona da foz e que recebia em toda a época alta vários tipos de embarcações, grupos turísticos e pescadores de todas as idades estava deserta salvo por um par de sem-abrigos que dormiam estendidos lado a lado em dois dos bancos de madeira gretada, que, sentados, com as suas pernas metálicas encurvadas sobre a relva, juncavam um dos largos canteiros de relva que povoavam a maior parte da extensão da avenida de alcatrão e pedra quadrada. A água parecia querer imitar à sua maneira os motores que todo o dia giravam e gemiam, numa constante sonora por cima desta, no plano elevado de tabuleiros de estrada à sua ilharga, chamando incessantemente pelos ouvidos que gostavam - com a lassidão característica de quem gosta de se deixar levar pelo que é belo e sem forma definida - de estar na presença do seu embalo hipnotizante, que vagueava calmamente sem interrupções, dia após

dia. Um cheiro a sal e a peixe fresco, uma brisa soprando levemente vinda do oceano, dissipando o calor da tarde que teimava em pairar continuamente.

Numa das jangadas flutuantes de madeira que serviam de cais para os barcos que, meio submersos, com as suas barrigas gordas e gretadas, durante o dia a estas se encostavam, cinco jovens dançavam, ao som das próprias vozes e das batidas secas que nasciam do embate entre o que traziam calçado e a madeira salpicada de água fresca sob os seus pés, de cabeça descoberta ao luar tépido do céu imóvel, cantavam e saltavam, fazendo a água chapinhar na estrutura de metal que suportava as tábuas compridas. Ninguém acordava.

No meio de toques e de mãos juntas, de dedos entrelaçados, de polegares que empurravam, de braços que esticavam e revertiam sob cabelos femininos que acariciavam rostos, de soslaio, debaixo da brisa macia que prestava a sua contribuição num enlevo de cheiros e de movimento, corpos encostavam-se uns nos outros por vezes como ímanes que se repeliam, impulsionados por forças exteriores; por vezes que se atraíam, atados no magnetismo da sensualidade devorada pela química, frémito de eletricidade primal e pré-histórica, cada vez mais cega e redundante. Houve alguém que, abrandando e descompensando a dinâmica geral do grupo, deixando-se enrolar pelo passar das horas, acabara por tropeçar num dos pés que pertencia a uma outra pessoa e que havia já para si reclamado a particular parcela de espaço que ocupava, e, disferindo um arco que em muito lhe fazia lembrar a ideia que detinha do corpo de um golfinho, deixara-se lançar da plataforma, caindo de lado sobre a água, explodindo esta sob si.

A dança e a cantoria parara, talvez para dar tempo às suas roupas para repousarem sobre os seus ombros direitos, abraçando maternalmente todo o comprimento do seu corpo, pendendo o que quer que sobrasse em ondas esmorecidas, que prolongavam réplicas ondulantes pela superfície fora, que se afastavam para longe, como que por cautela, não fossem estas levar com mais algum peso morto em cima. Dentro dos bolsos, o telemóvel já sem vida, esquecido de qualquer dos modos, entrando apenas na sua consciência alguns momentos depois, quando se vir compelida a procurar por ele; e a carteira, com os documentos completamente encharcados, a sua foto estampada no cartão de identificação ainda muda e serena apesar do meio ambiente algo estranho em que se encontrava, com o seu olhar absorto e profundo, de um azul sujo que se misturaria bem com dito ambiente, não fosse a cor sepulcral que este apresentasse aquela hora.

Os amigos riam em coro ao mesmo que tempo que ofereciam ajuda para a puxar para fora da água, cada um à sua maneira, contribuindo a confusão de vozes e gestos para que caísse mais um; ou saltasse talvez, molhando toda a gente com a chapada que mandara na água, - que se bambaleava com uma força renovada, agitada e nervosa com toda a comoção -, pondo o ponto final em qualquer inibição moribunda que pudesse ainda restar. Um deles começara a tirar as roupas à pressa, e, desta forma, conseguira puxar também as roupas dos outros, caindo cada conjunto em pontos

distintos por cima dos pares de sandálias emudecidos, e os que já se encontravam debaixo de água eram içados para o ar mais fresco e largavam também eles as vestes pesadas, para momentos depois se atirarem novamente.

A luz dourada dos candeeiros na margem distante colidia com o suave fluxo de água que nunca cessava o seu movimento, e espalhava um brilho triste por aquela parcela de superfície que chegava a dar a volta ao planeta. O calor do álcool extinguiu-se quase de imediato, aspirado pelas carícias brandas do liquido frio que os envolvia, sendo expirado para fora dos seus corpos sem qualquer pré-aviso. A diferença fora imediata, para toda a gente. Ainda assim, passado um bocado, um deles, o mais velho, propôs que nadassem até à outra margem, e fê-lo com toda a convicção que conseguira desencantar naquele curto espaço de tempo, exibindo com palavras meio trémulas a sua intenção, palavras que assim soavam não por se sentir percorrido por algum receio, mas porque o corpo já se revelava algo vacilante perante o cansaço e frio que sentia. Explicava que se de facto o fizessem, poderiam depois afirmar que haviam sido capazes de nadar desde uma cidade até à outra, sendo que o rio demarcava a fronteira entre as duas. Teriam cerca de cem metros pela frente de um caudal sereno, aparentemente amigável e silencioso, mas o choque de temperatura fora suficiente para que os outros não sentissem a necessidade de se desafiarem, não aceitando assim condescender às suas suplicas. Ao declínio crescente da euforia havia-se juntado o cansaço, que lhes começava a preencher o espírito, aumentando rapidamente, e o calor que sentiam há momentos havia sido transfigurado num vago amargor físico. Após uns minutos, a confusão mental instalara-se e as três raparigas aproveitaram a troca de palavras pouco firme entre os dois rapazes para subirem para a plataforma, prestando pouca atenção à conversa. A conversa entre estes acabara por parar por completo e um deles começara a empurrar a água na sua frente, até conseguir tocar na madeira à retaguarda, em silêncio, quando se dera finalmente conta de que o outro, o mais velho - que garantia ser um nadador apto e seguro - ia seguir em frente com o seu plano de nadar até ao outro lado, e não havia muito que pudesse dizer para o dissuadir. Enquanto subia as escadas de ferro para se juntar ao grupo, o outro desaparecia silenciosamente, deixando-os para trás, sentados, a vê-lo partir, com o som dos braços mordendo a água e a escuridão envolvendo-lhe o corpo, cegando-os gradualmente quanto à sua presença.

Sem nunca deixarem de olhar para a outra margem, pouco diziam, na antecipação de o verem reaparecer na plataforma distante e torrada pelo brilho dos candeeiros, subindo pelas escadas, para lhes acenar, para lhes poder mostrar que conseguira validar a intenção do impulso que o ego - juntamente com o álcool - tornara muito difícil de conseguir conter dentro de si.

Quando nos momentos seguintes ao emudecimento da conversa nada mais restara senão o continuo murmúrio da corrente, a apreensão amplificada pelo cansaço e pelo decorrer do tempo naquele silêncio expectante começara a ganhar forma definida, saltitando a pouco e pouco de boca em boca; e o passar dos minutos, que se aproximava velozmente do quarto de hora começara a colocar os corpos em sentido,

mais vigorosamente a uns que a outros. Surgiam algumas palavras mais reticentes e medrosas, como com receio de se fazerem ouvir pelos demais, transmitindo o que se poderia apenas imaginar. Ao fim de algum tempo naquele jogo sem rumo, lá aparecia um gesto ou uma palavra mais veemente, ordenando silêncio. Queriam ouvir. Os seus sentidos transmutados em radares, concentrados nos sons, já que a visão, - ainda turva pela bebida que lhes abandonava o espírito cada vez mais depressa - não lhes valia de muito, as pupilas largas como pratos, escuras como aquilo que miravam. Secavam-se com as roupas e voltavam a colocá-las sem as vestirem, à laia de toalhas, sobre as costas e à volta da cintura: t-shirt branca de cavas, tops com padrões riscados e garridos, camisa de algodão esfarrapada, shorts de ganga desbotada, percecionados mais monocromaticamente pela alma ansiosa, focada e ao mesmo tempo divagante, produzindo julgamentos e conjecturas que eram exteriorizados timidamente, encontrando respostas tanto em palavras como em silêncios.

Uma delas chamara finalmente por ele, a sua voz ecoando na noite cavernosa, voando, essa primeira, para longe, sem ir buscar qualquer tipo de resposta aceitável ao silêncio que se lhes afigurava cada vez mais assustador. Nisto, as vozes dos outros elevaram-se também, revezando-se, cruzando-se, buscando, cada vez mais agitadas. Vários minutos se haviam passado e ninguém tirava os olhos do rio e do sopé da outra margem, onde se podia observar, numa disposição calculada igual àquela em que se encontravam, as plataformas em madeira onde atracavam as embarcações, naquele continuo sazonal de natureza turística, plataformas que começariam pelo início do cair das folhas a mostrar os primeiros sinais de desuso. Na estrada sobranceira, um fio negro de alcatrão chegava até eles, deitado sob os poucos automóveis que avançavam solitariamente, de tempos a tempos, com as luzes que lhes rodeavam a carroçaria destacando-se na penumbra. Ninguém por lá se movia, e tanto quanto se lhes era possível aperceber, também se encontravam sozinhos nas imediações de onde os partiam os seus gritos, mais e mais desinibidos, conferindo aos objetos que os cercavam uma terrível aura de apatia e alienação.

Ela recordava-se de como a situação se lhe havia tornado surreal, de como na câmara dos seus sentidos as imagens e os sons que até ela chegavam se distorciam sob o peso da disparidade entre o antes e o depois, recordava-se de sentir incrédulamente toda a destreza e leviandade com as quais uma situação pode mudar drasticamente de rumo, e sobretudo, sentia que não acreditava no que estava a transpirar da realidade para dentro dela. O choque da sucessão de acontecimentos sendo brusco demais para que se conseguisse interligar com a preconceção que tinha dessa mesma realidade. A negação desacreditada, fora essa a sua primeira reação. Tudo era estranho: as inflexões da água, oscilando forma e luz em permutações características, o capricho da brisa no seu cabelo na pele no formigueiro dos seus lábios, os pés que assentavam nas traves adelgaçadas que bambaleavam incessantemente, suportando o peso dos quatro jovens desmiolados pela concha noturna que tudo arrepanhava, como areia movediça, as palavras que lhe saíam como que da boca de outra pessoa...

Fora a primeira a procurar pelo telemóvel no bolso ainda encharcado dos calções de ganga, mas, quando a sua mão esquerda tocara no plástico humedecido, depressa se lembrara do que havia acontecido e prontamente desistira da ideia, tendo em vez disso pedido a uma das amigas para ligar para a policia. Foi ao proferir tais palavras que a cortina que lhe permitia não olhar para tudo o que se passara com a frontalidade necessária fora levantada. Até ai, a ideia de que ele se pudesse ter de facto afogado, morrido, não poderia ter sido verdadeiramente interiorizada, pois a sensação física que chegava até ela era quase na sua totalidade emudecida por tal proteção, proteção essa que ampara de alguma maneira o violento embate que pode ocorrer quando a objetividade impiedosa da realidade é lançada de revés ao encontro da moldada subjetividade da pessoa. A possibilidade de morte ganhava pé e tomava conta dos seus pensamentos de tal forma que não podia fazer mais nada a não ser olhar apalermadamente, de olhos esbugalhados para o rio, a sua mente atuando como um giroscópio, rodopiando sempre em volta do mesmo, paradoxalmente, o incontornável circundado vezes sem conta, sem nunca chegar mais perto. Nunca sentira nada de tão esmagador como naqueles poucos de segundos, em que a noção mal formada de conceitos como desperdício, inutilidade e vagas réstias de irreabilidade a entristeciam já para além do choque.

Uma das outras raparigas desaparecera momentaneamente, tendo ido dar uma espreitadela ao nível da avenida para ver se encontrava alguma placa com o nome desta, olhando em redor a cento e oitenta graus, casas e mais casas dispendo as suas fachadas baixas, de olhos fechados frente à frustração da rapariga que não conseguira ter a presença de espírito para procurar numa das muitas perpendiculares que cortavam para a beira rio, optando por tentar descrever o local ao atendedor, utilizando a ponte imensa que se localizava a uns 200 metros como ponto de referencia. Lá em baixo, continuavam em intervalos mais longos a chamar pelo nome do rapaz, mãos na cabeça e olhos humedecidos pelo desespero e impotência que coletivamente sentiam, e apesar de serem diferentes, mais subtilmente nuns aspetos que noutros em pontos fulcrais das suas personalidades, todos eles iam buscar ao mesmo reservatório as emoções que experienciavam naquele momento.

A policia havia sido convocada, e restava-lhes apenas aguardar a sua chegada. Tinham transposto a barreira de segurança para chegarem até ao cais, onde tudo acontecera, e a interrogação fora lançada: será que seriam de alguma forma culpabilizados, caso algo se viesse de facto a confirmar? Não fora obtida nenhuma resposta e ninguém mais se preocupou com isso.

Os cabelos imergindo primeiramente, colados à testa acastanhada pelo sol que por baixo espreitava, sob a desordenação negra mas luminescente, os braços arqueando a água num movimento premeditado de braços - segundo se recordava -. os pés flutuando sobre a superfície da agua, juntos, como um ancinho alisando a terra, a cana do nariz a primeira a dividir o que o ocultava ainda, a ele e ao seu plácido

sorriso, contente com a satisfação que lhe povoava os sentidos, prestes a serem bombardeados por aquilo que já esperaria, sentindo-se também confortavelmente agradado nessa antecipação.

“Olha”, gritou um deles.

Chamaram-no de estúpido, de urso, de parvalhão, idiota, animal, anormal, imbecil, insultaram-lhe a mãe, o pai, a prima; e uma delas, - após ter reparado que a reação a todas estas imprecações não passaria muito da pose que adotara assim que chegara junto deles: pontas dos dedos crispados ao longo do rebordo do cais e cabeça fora da água pela altura do queixo, olhando para eles em silêncio com o mesmo sorriso estampado no rosto, - pontapeara-lhe as roupas - que ocupavam ainda o mesmo lugar desde que as despira - para dentro de água, e foi aí que se lhe conseguiu arrancar um: “epá, olha lá isso!”.

Esperaram pela polícia.

Anos depois, aquela memória - com as suas repercussões física e mentais -, permanecera consigo, pronta a ser evocada, tendo para isso apenas de corresponder a um certo critério de concentração e entrega ao passado. Reviver a situação como se lá estivesse era de especial utilidade quando surgia, por mais dissimulada que fosse, uma necessidade de traçar um paralelo entre um passado distante que não voltaria mais e um presente que se lhe escapava por entre os dedos, juntando e agrupando os ecos estendidos ou contraídos pela passagem do tempo em cenários familiares que visariam atribuir algum tipo de significado mais inteligível à expansão oceânica do desconhecido, e por mais que o indivíduo sinta que reconhece as águas que travessa, o barco, esse não abrandava nunca, e não existem sequer dois instantes iguais. A memória funcionando na maior parte dos casos como motor e como bote salva-vidas. Ela sinaliza, ilumina, atrai e repele, proporciona uma escapatória, e consegue fazê-lo muitas vezes em simultâneo.

Ela sabia que sentia saudades deles, apenas isso. Não se enganava a ela própria. Os sorrisos idênticos, em todo o caso. A reverberação dos candeeiros no holofote que jazia imóvel nos céus. As tímidas maquinações da parcialidade oculta. O desenlace de um futuro que se desenrolava em ponderada excitação, projetado em pequenos surtos de imagens na sua visão secreta. Uma fantasia em contornos nostálgicos, recuperando de um para um, com alguém que não conhecia verdadeiramente a familiaridade perdida, deixando para trás em troca de uma cidade que não era a sua, o começo da vida profissional rompendo repentinamente com vários dos pontos de apoio de que há anos dispunha. Permanecia no entanto igual a quem sempre fora e não se deixava comprar por sorrisos. Era de facto de si que aquele partia, apesar dos seus lábios e maçãs do rosto não mostrarem nenhuma inflexão digna de nota. A expressão era atenta, frontal e curiosa.

Ensinava há cerca de meio ano miúdos do ciclo, e era aos poucos que se acostumava a e interiorizava tal papel, que a obrigava a ser o foco de múltiplos olhares, conhecendo apenas aos poucos o que seria que estes encerravam, não sendo sempre claros nas suas intenções e insinuações. Acontecia que em comparação com a sala de aula, a vida exterior, que operava numa dinâmica completamente diferente, parecia-lhe dotada de um cariz bem menos ameaçador. Sentia que aprendia a um ritmo mais veloz do que alguma vez o fizera, e essa aprendizagem não tinha propriamente a ver com o que transmitia aos alunos, ainda que se diga que a melhor maneira de aprender é ensinar. Não, essa aprendizagem tinha origem nos confins do seu ser e acabava nas terminações nervosas do seu cérebro, vocalizada em consciência, e mais subtilmente em ação, afetando tudo o que via e tudo o que tocava . A herança de vida de toda uma espécie, como que um soro injetado a conta gotas através da sua pessoa despida, e que a sustinha e lhe mantinha os pés assentes. O desconforto de uma nova vida como catalisador, e a presença dos antepassados como uma luz que partia algures por detrás de si, iluminando o caminho, o suficiente para ter noção de onde andava e das várias escolhas que tinha à sua disponibilidade.

Tinha-se mudado em Julho, e apesar da estação ser outra, e de fazer no lugar do calor um frio considerável, sentia em geral uma atmosfera mais leve e aconchegante, ainda que por vezes fosse acometida por uma mesquinha angustia, que a fazia falar mais deliberadamente, como que por receio de se enganar, expressar-se de uma maneira que noutros tempos pouquíssimas pessoas tiveram quaisquer oportunidades de observar. Consequências de um processo comutativo a que se poderia chamar de maturação individual. Etapas que se desenrolam ao longo de uma vida e que têm tendência, com o decorrer do tempo, para se aplanarem cada vez mais, acabando por assentar a mente num recinto em que a principal característica é a estagnação.

Naquele momento da sua vida, a inclinação era íngreme, como não o era à muito, e custava-lhe aceitar certas particularidades da natureza do novo caminho que transitava, mas eram essas sobretudo que a motivavam a olhar para os outros com olhos de ver, como alguém que sentia o seu lugar no mundo, que sentia a estranheza da sua posição transitória e fleumática. Era complicado, pois era.

O canário que canta  
logo p'la manhã,  
a mulher que colhe  
folhas de hortelã,  
o centro da vida  
que transborda no amanhã

transportado pelo canário  
que sempre canta p'la manhã.

As altas e médias frequências da voz andrógena que eram exclamadas pelo pequeno rádio de bolso irrompiam através do som abafado e maquinal do metro, inferiorizando por instantes o barulho convulsivo e frio que a maior parte das pessoas que lá viajava tinha de ouvir, todas as manhãs. A voz entoava as palavras com sinceridade, cantando cada sílaba como se se quisesse fazer escutar para além do microfone. Nem uma das pessoas que estava presente na carruagem deixara de virar o pescoço na direção da aparição sonora, para ver do que se tratava. Ele, espantado, virara o corpo a noventa graus, pois esta partia mesmo por trás de si. Encarava o homem que segurava o rádio com a mão direita, sem olhar para lado nenhum. Tinha cerca de quarenta anos, cabelo negro, ralo, óculos escuros que lhe ocultavam os olhos, e lábios finos, que esboçavam um leve arco descendente, entreabrindo-se em murmúrios, que lhe davam o aspeto de estar a falar sozinho. Na verdade, o que fazia era acompanhar a canção, que ia saltitando sobre o mesmo terreno de imagem e vida simplificadas, num esquema de rima a condizer.

Ao mesmo tempo que reparava que o homem era cego, ela fixava os seus olhos na bengala que este prendia com a palma da mão, tombada a seu lado no assento, entre a perna e a barreira de plástico que ladeava a porta do metro, cravada num dos seus flancos. Este assento em particular visava o outro flanco da carruagem, imitando essa porta que tinha junto a si, separados pela tal barreira que servia tanto de encosto como de ponto de equilíbrio. Desta forma, o homem cego ocupava o único lugar na carruagem que estava disposto perpendicularmente em relação a esta.

Ela observava os dois formando uma espécie de ângulo reto, unindo-os num encosto incorpóreo a noventa graus, apoiados sobre a mesma base vivida em direções distintas, e achou-os por momentos, por alguma razão, incrivelmente parecidos. Parecia-lhe que no mínimo, já ambos se conheceriam. Ele virara o corpo lentamente para a sua posição original, e substituíra aos olhos dela o cabelo negro da sua nuca por um sorriso meigo que não lhe havia sido exibido antes, e que pouco tinha a ver com o anterior. É que pelo meio dos vapores da recém-concebida aceitação surgia também o altruísmo passivo da emoção, acalentado pelo passo à retaguarda que o ego havia tomado, que o deixava respirar de outra maneira, um pouco mais confortável no seu lugar, sentindo um prazer genuíno ao colocar lado a lado as caras sisudas e desconfiadas que ia capturando à sua volta com a face bem disposta do cego, que se limitava a ficar bem quieto no seu lugar, com a voz por baixo de si.

Para quem perdera a visão, esquecendo-se posteriormente, passado anos talvez, das imagens que até esse ponto reteve, passando a realidade a assentar numa base muito diferente, aprendendo a aliar a consciência ao som em vez de depender da imagem para dar corpo ao pensamento, viver o dia a dia prestando atenção especial ao presente era de uma importância extrema. Perguntava-se ele quais seriam as



consequências de operar continuamente desse modo. Seriam as ideias de resignação e aceitação tanto mais convidativas? Mais fáceis de serem conservadas após a sua interiorização física? Apetecera-lhe meter conversa com o homem, sondar-lhe os pensamentos, e chegara mesmo a virar-se para trás duas vezes mais, mas ele próprio puxara as rédeas à sua intenção. Algo o incomodava, algo que se tornara mais aparente depois de remirar o cego. “Que estarei eu a fazer ao colocar ênfase na aceitação enquanto meio? Nem meio, não, um todo, principio, meio e fim. Não me irei tornar desta maneira cego surdo e mudo até? Não, a música que este homem ouve e o que vejo ao olhar para ele mostra-me que não aceita dessa forma. Mas é aliciante, sem duvida, e sei que consigo construir em mim este estado de espírito de maneira a que se torne o meu todo, e que raciocínios como este não apareçam cá mais, ou que pelo menos não tenham força suficiente para me incomodar. É estranho, talvez esteja a ficar doente...”. E fechou os olhos, encostou a cabeça ao vidro e virou-se para a música. “Este banco a que me encosto e este casaco com que me visto e protejo não foram feitos com o objetivo de me confortar ou de me proteger e eu aceito isso. De lugares como este, preenchidos por objetos como estes que a todo o instante me tocam é a vida feita, e eu aceito isso. Animais com consciência. Que contradição ridícula.”

Pensamentos deambulando à dianteira de uma necessidade feroz de sentido, quer estes o sintam ou não, energizados pelo mero vislumbre de uma meta ainda por atravessar, seja esta estendida sobre um plano metafísico ou sobre terreno mais concreto. Ele sentia-se paradoxalmente revigorado com a ideia de uma potencial renúncia à vida como até aí a conhecera, mesmo que isso significasse a destruição do sentido de busca mais abrangente, que tão essencial era para a sua subsistência e continuação, e tentava, de maneira inconsciente, vender tal ideia a si próprio. A aniquilação do sentido como sentido do mesmo, traduzindo-se numa libertação total do seu ser em relação ao passado e ao futuro. Ainda que mais fácil de projetar do que colocar em prática, a mera perseguição de uma idealização de tal envergadura era algo que nunca havia experienciado. A culminação transitória de um caminho, sob o véu aparentemente benigno de uma manhã em muito igual a muitas outras. Agora que encontrara uma nova ideia a que se julgava conseguir agarrar, que lhe dava mostras de transportar consigo uma espécie de resposta plausível e completa, a imagem do cego transtornou-o mais do que esperaria de si próprio nos últimos e apáticos tempos da sua vida. Para além do sorriso inicial com que brindara quem olhasse para ele, para além da vaga confirmação que sentira aquando do vislumbre inicial do homem que seguia viagem trauteando, a sensação de desilusão chegara abruptamente e de forma penetrante, o que só serviu para o inquietar ainda mais. Viu-se novamente lançado para a complexidade da incerteza incontornável. Perguntava-se, no fundo, qual a maneira mais correta de viver, segundo a pessoa que se havia tornado. Pensou no seu passado, na sua família, no que restava dela. Pensou no irmão, outra vez. No estilo de vida que sabia que este levava, dia após dia na incerteza excitante do futuro desconhecido, e pela primeira vez em muito tempo sentiu inveja. Vidas quase simétricas, considerava ele, a distância parecendo amplificar a oposição das perspetivas com que cada um conduzia as horas que passavam acordados, e apesar de

saber que fez as escolhas certas, não o conseguia sentir. Ao contrário do irmão, que parecia sentir tudo sem o saber. Depois, pensou mais um pouco e interrogou-se se de facto se o conhecia como o julgava conhecer, e se de alguma forma não o menosprezava com tais considerações. Perguntou-se se a vida caótica que este levava não seria a extensão honesta da sua personalidade e se assim, claro como água, não calcorreava o caminho correto. Pensou em tudo o que pôde naquele curto espaço de tempo e decidiu finalmente que a vida não merecia ser afunilada pelos pensamentos e capacidades insignificantes de um só animal, visando assim extinguir o burburinho montante que se fazia sentir no seu cérebro, de uma vez por todas. Aceitar tudo, completamente, pareceu-lhe novamente o caminho mais lógico a tomar, caminho que ele se sabia apto a percorrer, caminho oposto ao do irmão.

Pode-se dizer que a ordem na vida de uns equivale ao caos na vida de outros. E como estes se afetam mutuamente, impercetivelmente, num processo de osmose contínuo, ultrapassando o indivíduo, não tendo este muitas das vezes outra hipótese senão conservar-se em algum dos lados da barricada, esperando até que apareça o próximo – o que quer que este seja – que o empurre na direção da membrana central que simultaneamente divide e funde os dois estados, sendo a condição de viver e progredir mais favorecida no equilíbrio por entre os dois. Mas como proceder, por onde proceder, já que não existe mapa adequado digno de ser reconhecido como tal, onde nem a própria conceção de um equilíbrio entrincheirado na vida como a conhecemos pode passar por garantia do que quer que seja, visto que tamanha complexidade é expressada a todo o momento de forma instável, como as características eternamente mutáveis do ar que nos envolve, conseguindo conservar-se imóvel a um tempo, para depois, num congeminar invisível, se avivar, lançando-se ao encontro de si mesmo, lacerando-se, vibrante ou suave, chegando por vezes a parecer indeciso, incerto da atitude correta a tomar.

Caminho mais ordenado, mais certo, mais completo? Seria mesmo? E ali ficara, reavivando novamente a máquina dos pensamentos a contragosto, para depressa estacar, meio perdido e derreado, silenciado debaixo do som e da música e dos olhares que incidiam uns nos outros com uma intenção rasgada, - ou com uma ausência clara desta -, e tudo seguia a seu lado numa velocidade gelatinosa e desprovida de tração. Fechou os olhos uma vez mais. Nova libertação acidica, novo acamar. O som da música havia desaparecido, deixando para trás tudo o resto a que já se habituara. Depois abriu-os com uma intenção decidida e procurou os da mulher. Quem seria ela, perguntou-se.

Construímos o espaço à nossa volta atribuído um significado a cada objeto com que o delimitamos. É um processo de troca contínuo, que nunca termina, nem quando fechamos os olhos ou tapamos os ouvidos. Projetamos algo do nosso ser de encontro

ao valor intrínseco do objeto, que responde o melhor que pode, por intermédio de ser simplesmente o que é, e daí retiramos as nossas percepções, a nossa vida. A sala de aula, os miúdos, assumiam uma outra identidade no momento em que ela começara a nova etapa e vira as ideias de que durante anos dispôs passarem do contexto passivo da mente para a realidade tangente da manifestação sensorial, e enquanto que se pode afirmar que as suas expectativas não foram inteiramente defraudadas, também se poderá dizer que não foram correspondidas de uma maneira assinalávelmente positiva, e do mesmo modo que o trabalho que cedo começa pela madrugada atribui um significado, que a este será indivisível, aos pequenos rituais que cada um tem desde que acorda até antes que o mesmo comece, também a sala de aula pairava pesadamente sobre os objetos que constituíam a sua vida. As pessoas que observa no momento, as associações que faz, o porque de as fazer, tudo isto será condicionado de uma maneira ou de outra pelo objeto que reina na sua atenção, sendo a vida uma constante batalha para eleger o mais importante ao progresso do ego, - ainda que possamos ser por vezes atraídos por este - visto que em certos casos é precisamente aquele que mais importante se nos afigura que mais responsável é pela nossa tendência para a auto destruição. O subtil descontentamento que viera a sentir não advira precisamente do ato em si de dar aulas: os miúdos eram geralmente agradáveis e ela gostava da ideia de estar a formar indivíduos que dentro em breve teriam de desempenhar o seu papel enquanto adultos responsáveis, e fazia uso da sua liberdade para transmitir os conteúdos de um modo flexível e consciente. Esperava contudo no seu intimo ter-se já manifestado algum tipo de ligação entre ela e algum dos alunos, em que figurasse num papel de mentora psicológica e não apenas de professora, professora que estes, em cem por cento dos casos, prefeririam que, de modo a que não aparecesse para dar aulas, adoecesse, em vez de bem de saúde, disposta e entendida na matéria, comparecesse para lhes enriquecer a mente. Se tal raciocínio fosse consciente ter-se-ia considerado no mínimo ingénua - até egoísta e presunçosa, possivelmente - mas não seria esse o caso. Apercebia-se somente de uma certa distancia entre ela e a nova vida, sentia que os pés nunca pisavam firmemente, e isso fazia com que aquilo que chegava aos seus sentidos tivesse por vezes a aparência de estar a decorrer num plano de realidade diferente do seu, o que era como estar levemente embriagado e com vontade de molhar os lábios em água. Como uma sombra encavalitada que segurava as rédeas da consciência, por norma até bastante constante, em pé de guerra com a energia benevolente que segurava, que teimava em não deixar escapar.

De súbito, uma vez mais, a oscilação; o tal intruso a aparecer e a ganhar terreno sobre si, como bruma que se lança repentinamente sobre a cidade.

Olhava o cego e via os miúdos e pensava neles e recordava-se das caras uma a uma, caras tão novas ainda, sobre derme, - sobre crânio, sobre cérebro -, tapadas internamente numa cegueira convexa proveniente de hemisférios gelatinosos ainda por acabar de formar, sem muitas das preocupações que haveriam ainda de chegar, que ela sabia perfeitamente que não tinham sequer chegado ao pé de si para mostrarem mais que os dentes, numa boca que a todo o momento rosna e que tudo

acaba por engolir, desfazendo frágeis criaturas que pouco conseguem ver para além daquilo que os olhos lhes mostram, num negrume inveterado e bizarro que todos atinge. Mas meu deus, calma! Alivia, pára. Tão fácil que é cair num cinismo imbecil quando o desconhecido parece querer conspirar para nos mostrar o quão perdidos estamos na face daquilo que deixámos para trás. “Mas haverá realmente uma razão para isto? Para me deixar assustar tão acriançadamente por aquilo que não conheço? Não será o desconhecido uma parte integral do mapa, assim como tudo o resto que é belo e sereno? Estou a exigir demais depressa demais, e sei que o problema é meu e de mais ninguém. Tomar responsabilidade, desacelerar e confiar na escolha que fiz há tantos anos, em que acreditava plenamente e sem expectativas, e que via como a única possível para a pessoa que sou. Nada disso mudou. Vejo que avançaram os anos e que surgiram expectativas poucos saudáveis, que talvez me tenham levado com a corrente. Mas há anos que sei o que quero. E que mal tem se agora vejo que vou por um caminho um pouco diferente, ou se compreendo que realmente nunca tive hipótese de o conhecer? Não faz mal, não faz.”.

Será a aparição inesperada, nas suas diferentes manifestações, que conseguirá produzir a maior reação na estrada tortuosa do raciocínio, que continuamente rebate em fragmentos de si mesmo, lutando por encontrar o caminho mais útil ao propósito da progressão no corpo em que habita, e acontece que os agentes de tal aparição atuam invariavelmente sob o manto de um disfarce, que pode assumir os mais variadíssimos contornos, estando estes para o observador como a natureza para o animal inconsciente de si mesmo, e pode-se concluir que em qualquer lugar, mesmo no decurso de uma pequena viagem - rotineira por sinal – vidas se podem decidir, podem mudar, percursos se podem alterar e definir irremediavelmente, e nada como o presente que grita aos nossos ouvidos (ou salta à vista), e que se mistura com os nossos artefactos do passado, para que um novo caminho se abra diante do eterno labirinto mental.

Compreendera finalmente, à sua maneira, olhando para aqueles dois homens e para si mesma e para os miúdos, colocando conseqüentemente à mercê da razão o lado temeroso do seu ser, não estando ela habituada a que este ganhasse relevo com aquela intensidade insidiosa, que pavimentasse o caminho pela sua frente, tornando-lhe o passo incerto. Esta cadeia de pensamentos que lhe incutia o medo e a rejeição do desconhecido surgira da sombra como um mero suspiro de irracionalidade mal formada, alumiada pela gama de elementos catalisadores que compunham a sua cercania, e fora então que perdera grande parte da sua temível força, que se mostrara como algo ou alguma coisa que se revestira desonestamente, insuflando-se ao ponto de se afigurar ameaçador, e fizera-o naquele momento com uma vivacidade tal que se pode dizer que acabou por rebentar, mostrando-lhe aquilo de que verdadeiramente era composto. Era uma transformação inevitável, inevitável como todas as coisas.

Olha-se em frente, com o foco nascendo por detrás dos olhos; compreende-se, parcialmente ou por inteiro; estuda-se talvez o porque de ter vindo de onde veio; flutua-se na direção em falta, rumo ao equilíbrio. No caso dela, o ar fora expulso dos

pulmões mais profundamente, e a próxima inspiração chegara, refrescando-lhe o corpo, como um copo de água fresca num dia de calor.

Guardara o pequeno rádio no bolso interior do casaco de fazenda. Gostava da programação das primeiras horas da manhã, musica após musica com pausas insignificantes pelo meio, compostas ou por um silêncio adornado pelo som do rolamento da fita negra do gravador, naquele som granuloso, íntimo, ou pelas breves interjeições do locutor, identificando o artista, por vezes a musica e o nome da estação. Restavam cerca de dois minutos daquele tipo de emissão, e era normalmente naquela altura que arrecadava o aparelho. Seguia-se o despertar da batalha pelas audiências e da estridência dos anúncios que mantinham o organismo a funcionar com alguma margem de manobra. Não se ressentia com isso, era assim que as coisas tinham de ser, mas costumava ser por aquela altura que deixava de prestar atenção.

Começava cedo o dia. Aquela hora já se encontrava por norma a caminho de algum sítio, e abdicar das evocações com que a musica o preenchia não era algo que fizesse sem motivos de relevo. Gostava de as juntar ao calor mole que as superfícies refletiam quando o sol irradiava acanhado pelo meio do céu pejado de nuvens em pleno inverno, sobretudo no inverno, quando os cheiros lhe pareciam mais carregados de uma juventude distante em terras nortenhas, xistosas e emadeiradas, e em dias liberados das correntes ofegantes de vento, os sons mais repousados, esperando, limitando-se ao inaudível, ocupando algum pouso maternal, escondido.

O descarrilamento conversacional que ocorria à sua volta quando ligava o rádio ou até quando simplesmente entrava nalgum sítio ocupado por várias pessoas que não o conheciam chegava a ser cómico, particularmente com os mais velhos, de tal modo que eram as suas atenções capturadas. Hoje em dia já pouco o notava. A princípio, à muitos anos, sentira-se verdadeiramente incomodado com isso, mas recorda-se ele que naquela época poucas eram as coisas que não o incomodavam, naquela fase inicial em que o mundo havia sido engolido pela escuridão, escuridão essa que fora desde então perdendo o seu significado, gradualmente, como um tsunami que acaba por retornar à planície marítima, indistinguível do resto. Aprendera a lidar com os outros mais puramente e sem rodeios do que alguma vez o havia feito quando ainda via, e o medo fora-se dissipando em relação aquilo que ele passara a reconhecer como inevitável. Fazia mais sentido confiar nas pessoas.

O jovem a seu lado estava curioso acerca de algo, ele sabia-o. Reparou que este se havia voltado para o observar pelo menos umas três vezes, e que na última dessas o fez bruscamente, rodando o tronco numa arrancada cheia de intenção. Mas algo o puxara de volta. Emanava um cheiro a colónia masculina, nada barata, parecia-lhe.

Talvez fosse o rádio, já que depois de o desligar o jovem pareceu-lhe aquietar um pouco mais. “É possível, as pessoas chateiam-se com pouco. Desde que me lembro que sempre assim foi. Não é que tenha muita razão de queixa, já que penso nisso, mas uns com os outros, que confusão. Suponho que só os mais barulhentos se fazem ouvir, e talvez seja isso, este rapaz não lhes deve pertencer, a essa raça, aos chorões de ocupação, senão com certeza que tinha dito algo, tão irrequieto que estava. Esses, por norma, não se conseguem conter tempo suficiente para que lhes passe o ímpeto inicial. Mas, outra vez, olha para mim e pode pensar que fica mal, sei que acontece muito, e não os culpo, o tempo passou mas ainda consigo ter uma ideia do que é estar noutro lugar, noutro corpo. Como os anos passaram, caramba. Que corpo pesado com que acordo por vezes, não sei como as pernas não dão de si, ou como não me derreto pelo chão abaixo com o peso da terra a puxar por mim a todo o segundo. Como puxa por todos nós.” Aqui quebrou e refletiu e sorriu com um sorriso mais rasgado. “Os nós. Os nós que jamais serão desatados, mais tensos a cada um que passa, aqui dentro e lá dentro deles, em curvas inimagináveis, criativamente entrelaçadas ao sabor dos caprichos de quem quer que seja que as ata. Mas por outro lado, só um nó atado pode prender aquilo que resguarda o pé descalço e nu. Uma autentica virtude, mantê-los assentes no chão que se pisa, e com todo o peso seria de esperar que fosse fácil. Não é. Fácil é ficar encalhado numa historieta qualquer que nos seja contada pelo outro ou pelo próprio. Dá-se sempre ouvidos, nem que seja por um bocadinho só, àquilo que se quer ouvir. E depois remoi-se, quando a coisa não corre de certa maneira, da maneira esperada, e aumenta o peso. Três kilos e setecentas no caso daquela rapariga, se bem me recordo. E como ela removeu depois, quando a história se revelou tão diferente do que julgara. Os conselhos paternais sempre acabaram por lhe valer de algo, veio-se a constatar. Agora concorda, é natural. Lembro-me que foi o mesmo comigo, naquela estação desnorteada, o destempero das minhas vontades em muito imaginárias, e o medo, sobretudo esse, o medo do falhanço e dos pressupostos irracionais que seguem uma pessoa como uma doença crónica. Foi pelo melhor, como este rebento irá também ser pelo melhor. Este sim o tipo de peso que consegue tomar o corpo de alguém e o consegue pressionar e enlaçar na quantidade correta. Meu deus, este tipo de retrospectiva, doce, como uma laranja que não está ainda madura demais consegue ser doce. Consigo-me lembrar da carinha dela, vagamente, dos olhos claros e de um pequeno tufo de cabelo, ou de fios de cabelo. Talvez apenas a sensação, não a imagem ou a cor. É o tipo de lembrança que não vai, fica comigo até eu ir ou até a minha razão ir. O que para todos os efeitos é o mesmo.”

“Abandono não será abandono se a pessoa que abala só fosse ficar para prejudicar, e felizmente aquele imbecil deu-se conta, suponho eu, da pouca da responsabilidade que lhe era possível acarretar. Fugiu, disfarçando-o de outra coisa qualquer, contando mais uma historia que me pôs a rir na cara dela. Não lhe via a expressão mas sei o que estava a pensar, se bem que o silencio mostrou o quanto se conteve. Não foi sem antes lhe colocar as mãos em cima, e isso não consigo eu perceber, como é que esse tipo de fraqueza pensa que pode ser substituído por esse tipo de força, e com que consequências, para todos os que a viram e sentiram. Que não volte! E não o vai fazer, tenho esse pressentimento... se voltar algo tem de ser feito. Talvez daqui a uns

anos, quando a curiosidade ou a vergonha pesarem demais; se chegar a algum ponto na sua solidão que consuma mais do que aquilo que consegue oferecer. Mas não vai encontrar as mesmas pessoas no mesmo sítio, isso é certo, mesmo que ainda cá estejamos, vai perder muito da verdadeira expressão da personalidade: a mudança, o crescimento, especialmente o da alma que ele próprio ajudou a criar. Que peso esse, aos olhos do inconsciente. A única dúvida será, onde se irá ele alojar, em que parte desse jovem? Dois anos. Estarão os meus pensamentos certos? Não gosto da situação. Talvez devesse sair daqui com a miúda, encontrar um sítio melhor, mais seguro, uma cidade não é o local indicado para educar uma criança, demasiado objeto sem vida, demasiado mau caminho para percorrer, para desviar. Ela iria querer que eu fosse, ou quererá ficar por mim. Seja como for nenhuma das decisões é a mais acertada. Uma delas por motivos egoístas, eu sei. Convivo com o som e com o toque deste sítio há meio século, conheço-o de olhos fechados há metade desse tempo, aceitei demasiadas coisas em relação aos seus mecanismos, não sei se estaria preparado para reaprender a viver com esse género de novidade. Não sei. Nunca falámos sobre isso, pode ser que esteja na altura. Quero-lhes o melhor, não posso ser egoísta. Já teve a sua conta de egoístas. Também eu já o fui, e quando ela mais precisava. Ou antes, era para ter sido, não se chegou a consumir por completo, morreu antes da hora, não por sua culpa mas por culpa da mãe dela. Como eu adorava aquela mulher, adorava-a mais do que todo o medo que tinha de vir a ser pai. Hmm. Mas o medo tinha por sua vez aparecido da impressão que tinha de que viria sempre a deixar de gostar da pessoa, quem quer que fosse, caso tempo suficiente tivesse decorrido, e da vida se tornar insuportável como consequência. O que não terá acontecido. O que se passou acabou por ser muito diferente, e fez com que a tua mãe deixasse de gostar de mim o suficiente para me conseguir aturar todos os dias. Tu foste com ela e a partir daí tudo entrou em descabimento, e tinhas só três anos e quase não tive contigo durante um ano inteiro. Depois aconteceu o que aconteceu e voltaram as duas para me reconfortarem e me darem apoio. A partir daí não mais saíste do pé de mim por algum período longo de tempo e ensinaste-me aos poucos a funcionar com propósito e agarraste por mim o contentamento que se queria esgueirar, desaparecer de vez. Estou-te imensamente agradecido e não faço ideia de verdade de como se teriam passado as coisas se não fosse por ti, numa altura tão estranha. Lembro-me do dia em que estavas na varanda a brincar e deixaste cair uma boneca para cima do parapeito logo por baixo das grades. A tua mãe foi dar contigo sentada na plataforma a brincar com o resto dos brinquedos que tinhas mandado para o outro lado do corrimão, porque percebeste que ao sol faz mais calor e é mais agradável. Algures por esta altura do ano. Conseguiste passar por entre as grades e saltar para a plataforma. Como conseguiste voltar para ir buscar o resto da tralha nunca cheguei a perceber. O mais provável é que tenhas simplesmente decidido ir lá para baixo, ao contrário do que disseste. Nunca chegou a cair nada. Tinhas quatro anos e penso que a tua mãe tinha ido fazer algumas compras por mim. Eu adormeci e passado pouco tempo acordei com os abanões dela. Deu-me uma descompostura tão grande que me cheguei a sentir fisicamente mal-disposto. Com tudo o que se tinha passado nem tive forças para reagir. Fez-me perceber que só ali estava porque se sentia culpada. Não o disse dessa maneira mas era o que queria dar a entender. E eu concordei com tudo o que disse e a seguir senti-me humilhado por ter

sido reduzido aquilo. Saiu porta fora sem te levar pois tu agarraste-te a mim com uma força tal, sem por momentos parares de chorar, que ela não aguentou mais, todo o drama que se havia gerado, o peso descomunal, imagino eu, espelhado nas nossas caras. Até tu, com a tua idade, percebeste, à tua maneira, de onde tinha surgido todo aquele peso e tomaste-o sobre os teus ombros pequeninos. Era por isso que choravas e era por isso que te agarravas a mim. A tua mãe voltou passado uma ou duas horas e toda a gente pediu desculpa a toda a gente. Nessa noite acho que compreendi pela primeira vez a irremediabilidade da minha situação, e mais do que compreender, consegui tomar os primeiros passos na direção de a aceitar. Era tóxico continuar a viver daquele modo. Penso que o que aconteceu foi que cheguei a um ponto de fragilidade tal que não tive outra opção senão arranjar forças para me recompor. Precisava de crescer. E cresci, acompanhando-te ao meu próprio ritmo trôpego, próprio de quem tem já metade do mundo aprisionado pela força das certezas adultas, rezando para que a vida te sorria como a uma filha predileta. E hoje aqui estou eu, para te proteger a ti e à tua menina minha neta no que der e vier, satisfeito finalmente, tranquilo.”

Uma conclusão. É de todo possível começar o dia com uma conclusão, com uma excursão não premeditada em direção aos pensamentos ainda por organizar, tornando o momento e o que o acompanha, tão vazios que podem estes ser, em canteiros através dos quais o infinito pode brotar. O homem cego contentara-se saboreando aquilo que ele próprio criara, e repousou, esperando pela paragem correta, em silêncio, tanto exterior como interior. Mão direita sobre o pulso esquerdo. Boca ligeiramente entreaberta, a cabeça pendendo para a frente, o queixo junto ao peito, como que dormitando, as costas tocando o assento apenas no ponto em que as omoplatas e o coração formavam uma espécie de triângulo chato. Esperava.

Fora ele, o jovem, o primeiro, que retomava a sua condição natural, que acabara por dizer algo, quebrando o silêncio nas meditações não vocalizadas da vida, naquele ínfimo momento, naquela página, naquele livro que ficará para sempre numa qualquer estante apanhando o pó do infinito:

- Desculpe, – para imediatamente se sentir ridículo.
- Diga.
- Quero fazer-lhe uma pergunta. Por favor não me leve a mal.

Um pequeno silêncio.

- Queria saber o que acha de tudo isto.
- Tudo isto?
- Sim. À nossa volta.

À parte de todo o barulho, um novo silêncio.



- Eu não estou a tentar inferir o que penso do modo que lhe fiz esta pergunta. Queria mesmo saber a sua opinião. Se se sente satisfeito, não tem especificamente a ver com a sua condição, entende? Mas também tem, esse intermédio, é-era o que eu... - Ele gaguejava, e o homem, sentido a sua inquietação a chegar a um cumulo, interrompera-o, por misericórdia.

- Eu respondo-lhe. - O homem endireitara-se sobre o assento, preparando-se para agarrar algo dentro de si. - O tudo isto de que o senhor fala será diferente do meu tudo isto. Do meu, ou do de toda a gente. Portanto vou responder-lhe apenas com o que sei. Sei que em termos gerais as nossas linhas de vida se movem por altos e baixos, como uma onda de som de alta amplitude. Sei que as nossas linhas nunca estão paradas, e é fácil de percebermos isso se as continuarmos a escutar. Existem pessoas que apenas darão ouvidos ou aos altos ou aos baixos. Sim. Mas se queremos funcionar com o que está à nossa volta, não é isso que devemos fazer.

- Mas não é o que o senhor faz. - Afirmou o outro.

- Não. Procuro aceitar os baixos e manter os altos comigo, elevá-los até, conservá-los comigo, na memória quando passam, e no tempo quando ainda permanecem. Como deve calcular já passei por um bocado considerável de vida, e ainda assim não sei responder à sua pergunta como provavelmente quer que responda. Mas terá de lhe servir.

O cego sorriu primeiro. Ele imitou-o de seguida, consciente de uma certa ironia.

- Honestamente, acho que nunca iria ficar desapontado com a resposta que me desse. Há muito tempo que o senhor encara as coisas dessa maneira?

- Há algum, sim. Penso que quando era mais jovem não o sentia, simplesmente. Não lhes prestava atenção como factos verdadeiros que eram. Talvez os altos fossem mais altos, no conjunto, mas também sofria mais intensamente. Posso dizer que existe mais equilíbrio.

Após um momento – Era isto que queria ouvir de mim?

- É o que você sente. - Falando com mais firmeza. - É o que já esperava. Mas não é o meu caso. Não sei porquê. Não sei o que se passa comigo. Desculpe esta conversa sem nexos, o senhor nem me conhece. Não sei o que me deu.

E parcialmente ignorando-o, o cego respondeu:

- O senhor é jovem, tenha calma. Tem tempo. Não pode saber ao certo de onde surgirá a flutuação. Talvez se tenha acomodado demais na sua posição. Tenha calma. Tem tempo de mudar algo, com juízo, com equilíbrio. Algo em si, algo no que o

rodeia. Existem possibilidades amigo, ouviu? Pelo menos fico com essa impressão acerca de si, valha ela o que valer.

- Obrigado pelas palavras, – concluiu ele com um sorriso débil.

A conversa havia-se desenrolado da forma previsível, entre duas pessoas que não se conheciam mas que imediatamente optaram por operar sobre princípios de respeito mutuo, cauteloso e assente na honestidade que cada um espera de si próprio quando se trata com alguém que não espera do outro uma certa parcialidade, uma representação de uma qualquer personagem. Como tal, as tendências mais entrincheiradas sobressaíram, como um eco verdadeiro.

- Percebeu o que lhe disse? - Finalizou o cego.

- Sim, percebi. - E percebeu.

Ela dirigiu-se para a porta adjacente ao lugar que o cego ocupava, nunca tirando os olhos dos dois; talvez se conhecessem mesmo. O metro começara a abrandar, e a voz feminina tornou a falar. Ele havia hesitado até ao ultimo momento. Sentia a necessidade de ter a conversa que acabara de ter, mas ao mesmo tempo temia ouvir da boca do cego aquilo que pressentia que fosse ouvir, que confirmava as suas suspeitas e invalidava a lógica do seu frágil raciocínio recém-adquirido. No mínimo, mostrava o quão auto-destrutivo era. Levantou-se, passou a alsa da mochila por cima da cabeça e foi colocar-se junto da mulher.

- Obrigado – disse mais uma vez, olhando de relance.

O cego assentiu com a cabeça, aninhado no lugar.

Ambos olhavam as suas imagens invertidas no ténue reflexo espelhado pelos vidros retangulares que davam corpo às portas, cada um ocupado com o seu, por momentos, para observarem o que viam há vários anos. Mas ao encararem o reflexo que esperava fantasmagóricamente, sem pernas, ao lado do seu, não se deparavam exatamente com aquilo que haviam visto naquela viagem, ao olharem um para o outro. Uma subtil mudança à qual nenhum dos dois prestou muita atenção. Mas ela estava lá, inegável ainda que fragilizada pelos passinhos de bebé que encetara apenas à momentos. Uma inversão.

O metro parara com um relincho que mais parecia expelido das cordas de um violino. Com o ombro esquerdo tocando levemente no direito, não estando esta imagem presente aos olhos de alguém, nem mesmo no que deveria ser a junção dos dois reflexos adiante, separados como estes estavam pelas respetivas delineações de metal frio das portas, estas encostadas por sua vez num encaixe talhado à medida, revestido de borracha, ela levava os dedos longos e alvos ao botão saliente que se iluminava por fim, e os encaixes separavam-se a meio, e tanto ele como ela, como quatro outras

peçoas atrás deles saíram para o chão duro e rugoso da plataforma exterior. O cego permanecera, prosseguindo viagem, pensando no rapaz e na filha e na neta e em como aquele dia lhe estava a parecer carregado de uma eletricidade bizarra e cheia de desígnio premeditado, sentindo-se por segundos inconcebivelmente feliz.

Ela prosseguira pela direita e ele pela esquerda, sem trocarem uma palavra e sem olharem um para o outro.

Mas quem continuara sentado; ou talvez de pé, alguém que tenha entrado para a carruagem traseira naquela mesma paragem e que se tenha colocado em posição de olhar para a direita, janela fora, no sentido da direção em que o metro continuaria o seu troço, essa pessoa conseguiria ver, reparando conscientemente ou não, - ausente talvez no próprio carreiro infindável de pensamentos dos quais muitos não passariam seguramente de lenha para arder; ou presente naquilo que olhava, roteirando os pensamentos na mesma direção dos olhos -, conseguiria ver a mulher estugar o passo à medida que o veículo ganhava andamento, parar por fim, e, como que levada pela velocidade crescente deste, conseguiria observá-la a dar uma volta de cento e oitenta graus para começar a caminhar na direção contrária. Consegueiria ver breves segundos após, um homem a parar na plataforma, de perfil, parando, sim, por fim, de cabeça baixa inclinada para o chão, de aspeto benigno mas taciturno.

**Fim**

